

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO, A FONTE ORAL, A MEMÓRIA E O DIREITO A HISTÓRIA: AS POPULAÇÕES NEGRAS E SUAS PRÁTICAS SOCIAIS EM ALGUMAS CIDADES DO BRASIL CENTRAL.

Luiz Carlos do Carmo¹

Resumo: O artigo analisa a presença de um enganoso consenso acerca da suposta não atuação histórica de homens, mulheres e crianças negras em um grande número de cidades. A partir da História Oral, constata-se e reflete-se sobre a importância das narrativas orais como forma de inscrição de um diálogo com experiências vividas pelos diversos grupos sociais, e entesouradas na memória, percebe-se aspectos de uma forma de manutenção de uma longa e importante seqüência de práticas sociais. Palavras-chave: história oral; população negra; práticas sociais; direito à história.

Abstract: This article aimed at investigating the process of denaturalization of both apparent invisible presence and deceptive consensus concerning the presumed lack of historical performance of black men, women and children from a great number of cities. This article was produced based on research carried out on Oral History and verified the importance of oral narratives also understood as places in which dialogues with a population's life experiences treasured in memory are inscribed. Keywords: Oral History; Black Population; social practices; the right to History.

*"nós nos recusamos a ser o que você
queria que nós fôssemos, somos o que somos"*
B. Sistem

¹ Graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia; Mestre e Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Curso de História da Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão-Go.

No início dos anos de 1970, como a grande parte dos brasileiros de famílias trabalhadoras, migrei com meus pais, da região em que nasci, deixamos para trás as lidas com o gado leiteiro das muitas propriedades rurais do Pontal do Triângulo Mineiro e do Mato Grosso e “perambulamos” por diversas localidades em busca de melhores condições de vida. Meu pai, um sujeito pobre, casado, com cinco filhos e semi-analfabeto, ingressa num dado momento nas fileiras de uma empreiteira multinacional de transporte de energia elétrica que auxilia na construção da malha de distribuição de energia brasileira.

Nesse novo cenário, ao longo de quatorze anos, moramos em algumas cidades do Estado de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Goiás, amparados e motivados pelo vínculo empregatício de meu pai. Dentre as mudanças dessa condição, destaco o fato de que meu pai transformara o até então respeitável ganho, para um trabalhador das fazendas leiteiras do entorno das cidades de Ituiutaba, Frutal, Uberaba, Monte Alegre de Minas, Cuiabá, Rondonópolis, dessas, de forma mais demorada no município de Prata-MG. Na passagem das antigas atividades e vínculos para a nova, junto à multinacional italiana de transporte de energia elétrica, destaco o fato do rendimento mensal, de meu pai, de pouco mais de Cr\$ 48,00 mensais das antigas lidas salta para Cr\$ 73,00² por semana, uma elevação monetária inquestionável.

Como qualquer trabalhador, com os anos, o cansaço do meu pai e os novos laços constituídos por cada filho, obrigaram-no a mudar de estratégia na condução dos desígnios da família, e iniciamos uma nova fase. Após o término do vínculo de trabalho citado, e com a preocupação voltada para a crescente demanda dos filhos adolescentes, meus pais buscam uma cidade que pudesse proporcionar o que julgavam conveniente aos seus filhos. Depois de experimentar a precariedade e a desassistência social, ladeadas pela fortíssima concorrência que se acirrava ano após ano, pelas poucas oportunidades disponíveis nos diversos espaços urbanos conhecidos, e compreendendo que aqueles são elementos que marcam os interstícios

² Em primeiro de maio de 1973 o valor do salário mínimo era de Cr\$ 312, 00, de acordo com o decreto 72.148/73. Fica clara a dura forma de negociação entre grande parte dos proprietários rurais da região e o pequeno poder de pressão dos trabalhadores rurais dessas localidades. Ganhando cerca de 20% do salário mínimo vigente, as condições de vida e de enfrentamento desses trabalhadores eram mínimas.

de uma incessante batalha de valores e significados dos distintos grupos que compõem alguns dos municípios de São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Paraná, quase duas décadas depois voltamos a Minas Gerais, nos instalamos em Uberlândia.

Em Uberlândia, no tocante ao âmbito familiar, diferentemente das demais localidades em que residira, descobri que possuo uma vasta gama de conhecidos dos meus pais, parentes diversos e com os desdobramentos dessas novas relações fiz amigos, quase todos, homens, mulheres e crianças negros³ em várias cidades deste entorno. Nesta tentativa de restabelecer vínculos, partilhar experiências, adentrei lares, compartilhei espaços, vivências, senti de perto algumas impressões, convivi com sentidos e valorizações presentes em diferentes momentos da vida de um grande número de pessoas que muito me intrigavam.

O conjunto de conhecidos e amigos apresentara-me envolvimento e valorizações pouco conhecidas, quase estranhas, mas fascinantes, dentre elas as celebrações de Nossa Senhora do Rosário e do Treze de Maio. Aquela aproximação anterior permitia-me ver o insistente investimento individual daqueles sujeitos e um “estranho” encaixe social, formado por uma forma de consonância silenciosa partilhada por um grande número de pessoas. Das ações do grupo de pessoas conhecidas, percebi que os empreendimentos sociais ano após ano disposto no conjunto de um grande número de cidades como Uberaba, Uberlândia, Ituiutaba, Campina Verde, Araguari, Catalão, Itumbiara, Frutal, Sacramento, Monte Alegre de Minas, Patrocínio dentre outras localidades, diziam algo mais que o exposto a minha frente.

Confesso que o inicial deslocamento, rumo ao interior desses municípios, foi impulsionado pela busca de parentes e conhecidos, e pela absoluta despreocupação com as transparentes e singulares presenças históricas e com os diversos posicionamentos sociais que os semelhantes grupos populacionais, residentes em diferentes cidades

³ Para todos os efeitos, este texto não distinguirá entre pretos e pardos, como faz o IBGE e outros. E mais, uso o termo negro para lidar com todos os sujeitos em análise por acreditar que congrega melhores elementos da opção que organiza o grupo de diálogo. Quando o entrevistado, ou o autor em questão, no decorrer da análise fizer menção a outro termo, assim também o farei. Para mais sobre essa questão ver CUNHA Jr., H. Afrodescendência, pluriculturalismo e educação. *Pátio Revista Pedagógica*, ano 2, n.º. 6, p. 21-24, ago/out, 1998.

estabelecem no cotidiano das negociações que marcam, dentre outros elementos, as históricas formas como posicionava, apresentava e representava-se politicamente ao longo dos tempos e das circunstâncias. Evidentemente, descobri que não é possível encontrar pessoas sem suas histórias, sem suas armas e instrumentais de negociação e sem a defesa de valores, princípios e uma identidade construída interna e externamente ao grupo.

Com o ingresso no Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia e os diálogos acerca dos conceitos de cultura e da tradição, a respeito desses termos, mesmo com ressalva de Thompson, de que é preciso ter cuidado com esses conceitos, pois tradição, apesar de sugerir uma permanência, caminha noutro sentido, e cultura, mesmo apresentando uma provável inflexão antropológica, compreendida como sistema de valores, atitudes e significados compartilhados é também um conjunto de diferentes recursos em que há sempre troca entre o dominante e o subordinado.⁴ As iniciais compreensões de que aquelas práticas sociais em que os homens e mulheres negros envolviam-se não podiam esgotar-se em si mesmo tinham lançado suas bases.⁴

Com as leituras, debates, participações em congressos, as compreensões daquelas práticas sociais, os investimentos pessoais pareciam, ainda no curso de graduação, embrenhar-se num processo de luta ideológica, pois tinha que alguns aspectos, da presença do conjunto de homens e mulheres negros, nas cidades do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do sudeste de Goiás, estavam há tempos estampados nos ares das diversas localidades, dialogando com a suposta norma e com a complexa forma convencionada de viver.⁶

⁴ THOMPSON. E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 17.

⁵ Num profundo desconforto com parte das principais categorias de investigação, passando pelos trabalhadores, pela introdução das “minorias” como as mulheres, os negros, a transição das compreensões que iam dos diálogos solitários, pormenorizados de um ou outro grupo, sem a relação excludente e simplificadora da hermeticidade, as indagações sobre os homens e mulheres negros chegavam-me transpassando os limites da etnicidade e das diferenças entre os sujeitos, apesar de focar num conjunto específico de agentes sociais, o diálogo com os demais grupos era uma questão a considerar sempre. Sem deixar de ser um registro de protesto, ansiei a compreensão do conflito, da tensão em suas diversas formas e possibilidades e defesas de ser.

⁶ O ingresso no curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, em 1993 e nas atividades de pesquisa, que culminaram em dois relatórios de pesquisa: *Representação*

Aos poucos, com os anos e a mudança na compreensão das atitudes e escolhas desses sujeitos aproximava-me da condição de observar acerca da histórica maneira que os interesses e proposições político-culturais desse conjunto de sujeitos expressavam-se, de uma forma polida, no interior da tensa e intrínseca disputa cotidiana de valores e princípios. E dessa forma, ofuscada há anos, uma silenciosa tensão latente elevava-se a minha frente e calmamente mostrava força, reinando com ares que naturalizam as evidências de que os grupos armam-se, enfrentam-se, sempre (re)negociando o direito de ditar a medida dos valores e a ocupação de posições sociais vantajosas, dentre outros pontos de uma sociedade.⁷

da Cultura Negra: Congos e Moçambiques nos Jornais de Uberlândia, análise voltada para a compreensão da forma e do teor dos registros contidos nos principais jornais da cidade de Uberlândia que versavam sobre as comemorações e festividades de Nossa Senhora do Rosário neste município; e o segundo: *Representação da Cultura Negra nos Jornais de Uberlândia*, proposta que procurou compreender a natureza dos jornais, panfletos, cartazes, revistas e outras publicações produzidas pela população negra local. Estes objetos de estudo pretenderam apontar concepções sobre as questões raciais dos períodos, além de estratégias e instrumentos utilizados para lidar com a organização política, cultural e social da população negra uberlandense. As duas experiências colocaram-me em contato com um grande número de pessoas; o tempo de pesquisa, a forma como me apresentei, como compreenderam o meu trabalho ensejou laços de confiança e barreiras podem ter sido transpostas. Em face disto pude compreender aspecto de práticas e significados destes sujeitos que muito auxiliaram na elaboração das discussões propostas. Ambas foram orientadas pelo professor José Carlos Gomes da Silva.

No mestrado em História Social junto ao Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica investiguei as compreensões acerca das ambigüidades das relações de trabalho dos homens negros uberlandenses junto às olarias, às fábricas de banha, aos calçamentos das ruas, aos trabalhos nas pedreiras, às atividades nos curtiúmes e nas charqueadas, postos de trabalho que se constituíram na porta de entrada do diálogo com um grande conjunto de lembranças e avaliações que mostrou elementos importantes dos saberes, dos propósitos e da atuação desses sujeitos junto às disputas pelos postos de trabalho no final das décadas de 1940 até a chegada dos anos de 1960. O doutorado intitulado *Salve o Rosário, o Rosário salve*. Sentidos e modos de viver das populações negras no Brasil central, também junto ao Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Heloisa de Faria Cruz, objetivou compreender elementos da inserção e da devoção à Nossa Senhora do Rosário e as implicações dessa atitude no dia-a-dia desses sujeitos.

⁷ Segundo Edward Thompson, e sua perspectiva de compreensão da sociedade a partir dos embates diversos como os valores, os saberes dos grupos sociais, a cultura é um amplo campo de conflitos, que somente uma forma de pressão imperiosa – por exemplo, no nacionalismo, a consciência de classe assume a forma de um “sistema”.

Em linhas gerais, sabe-se que recuperar o passado é uma primeira garantia de um sentido para o presente. A construção do presente é um exercício direto de diálogo com a memória dos relatos e testemunhos das épocas passadas, num processo de identificação-social e transformação das narrativas em História. Os interesses e a violência embutida na indisfarçável luta pela primazia de narrar “autorizadamente” o conjunto de ações humanas que compoem o sentido do que é a história e a conexão com os acontecimentos que se precipitam no presente procuram, na maioria dos casos, alijar do cenário de atuações um grande número de pessoas, e evidentemente outras propostas de viver.

Nesse movimento, as inúmeras referências ao passado da população brasileira, as datas cívicas, as celebrações que procuram marcar os que seriam passos de uma história comum, impregnam grande parte da população e marcam-nas. Ocorre, a partir do exposto, o contínuo processo de não reconhecimento naquelas narrativas dispostas nos vários meios “autorizados” de veiculação de memórias. Por outro lado, desencadeia, para muitos grupos, a constatação da conseqüente “inautenticidade”, da sugerida conexão do enredo vivido naquele momento e da valorização, da compreensão dos feitos de seus antepassados. Esta desconfortável situação reflete diretamente no sentido de não pertencimento às construções e compreensões do passado veiculadas por uma proposição política clara de história, minando memórias várias.⁸

No entanto, tal estratégia de intensificação de tomadas e retomadas de elementos do passado e tentativas de alinhamentos de posições do presente, não é efetuada sem críticas dos demais grupos sociais, logo, esta formulação não pode ser constantemente implementada. E nesse sentido, tem-se que, de tempos em tempos, indistintamente, todos os brasileiros são chamados a “abraçarem e emocionarem-se”, para logo em seguida manterem-se cada um em seu lugar e voltar a conviver contraposto, violentamente, a sua suposta

THOMPSON. E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 17.

⁸ E por mais que pareça desnecessário, parto da orientação de que “o passado explica o presente, como ocorre em toda visão da história, porém não o legitima” FONTANA, Josep. História: Análise do passado e projeto social p. Bauru, SP, Edusc, 1998. 151.

“inaptidão para o presente” liberal que aparentemente, e sem o menor constrangimento, afirma que privilegia os melhores.⁹

A disposição e a importância desta manobra não reside no fato de apresentar uma imagem do passado, tirando sua autenticidade, mas em transformá-lo em uma experiência política única que avalia o presente e renova o futuro determinando-o, com uma espécie de reconhecimento e legitimidade difícil de ser questionado, pois vem a público com fruto de um processo harmonioso que contara, inclusive com a participação dos possíveis questionadores.

Um sentido histórico só pode ser apreendido se o evento passado for interrogado, comunicado, e de tempos em tempos, se não celebrado, atualizado num movimento que interpreta os acontecimentos e fatos históricos em suas particularidades, sempre de acordo com a compreensão de sua importância, numa modulação social fina, que elabora os conceitos e valores políticos no cotidiano.

No caso da população de homens e mulheres negros, seus valores, suas formulações sociais, no interior da sociedade brasileira e de sua constituição com a inegável presença de uma multiplicidade de povos, pode-se dizer que longe do simplismo contido nas apressadas compreensões, supostamente, a partir do livro de Mikhail Bakhtin.¹⁰ Estratégias e convenientes aos escapes formulados ao complexo quadro de distintos valores e padrões dos grupos populacionais, equivocadamente compreendidos como isolados e afastados, a noção subjacente a uma parte dos estudos que miram nas práticas sociais e proposições políticas e vêem apenas as culturais. Na continuidade deste processo, que esconde uma posição política liberal ultrajante, alguns exercícios interpretativos procuram os possíveis círculos de idas e vindas das distintas modulações culturais, garimpam os resquícios que migraram de um grupo a outro, e finalmente esvaziam, despotencializam as ações, enfim despolitizam a questão, os embates, as tentativas de dominação e procuram enxergar a simetria circular das classes, quase sempre apenas na cultura.

⁹ E numa sociedade que, cada vez mais, se orienta pelo dinheiro, quase a qualquer custo, os que não adentram ao mercado são, implacavelmente tomados pelo próprio insucesso e uma paralisia súbita, e desmotivadora, que aplaca a alma que passa a mitigar algum dos atendimentos sociais públicos e/ou confessionais e/ou de organismos internacionais.

¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade Média e no Renascimento*. O contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

No envolvimento com uma enorme gama de histórias, aparentemente ‘simples’, de pessoas que deixavam ver a ausência de grandes sobressaltos seja nas conquistas econômicas e/ou na desassistência e na penúria inerente, a bem da verdade, boa parte das narrativas e explanações cautelosas, loquazes e sinceras ouvidas eram marcadas, sim, pelo pleno e contínuo esforço para que a linha da miséria, sempre presente no calcanhar de grande parte das famílias brasileiras, se mantivesse, minimamente, afastada, e mais tarde compreenderia que, naquelas observações, diziam lutar também, para que, as transformações sociais, as mudanças nas localidades em que viviam, dentre as implicações que lhes atingiam, não lhes roubassem o prazer de viver, viver à sua maneira.

Com o tempo, olhava para a maioria das famílias de conhecidos, amigos e entrevistados, refletia sobre seus apontamentos, aproximava-me do capital de esforços familiares estendidos às celebrações e práticas sociais com ampla atuação e presença de homens e mulheres negros, muitas vezes, em aparente detrimento de aspectos e encaminhamentos importantes para outros grupos, e mais uma vez na “contramão” da norma, da lógica de vida difundida.¹¹

Em grande parte das cidades do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do sudeste de Goiás, pode-se afirmar que, exceção feita à população indígena praticamente dizimada física e historicamente, a presença histórica da população negra, tal como tentou Rui Barbosa com a documentação da escravidão negra brasileira, é insistentemente negada. As ratificadas versões divulgadas das fundações, de grande parte dos municípios listados, trazem referências aos proprietários de terras, algumas doadas no período do Brasil Império, e ensinam manobras dissimuladas dos escritores contratados para fazerem o registro de uma dada memória, assim como uma intenção atualizada, fugaz, que pode ter enredado muitos que pensam ao contrário dessas versões.

¹¹ Confesso que um poderoso ceticismo interno me assolava, desorganizando valores e ensinamentos que pareciam incompatíveis com aquelas vivências. No entanto, caminhava ao lado um otimismo, um encantamento que contrabalanceava as coisas. Nesse momento, estava perto de compreender que aquelas pessoas, aparentemente mais desprovidas de armas para lutar a batalha de manutenção de seus valores encerram formulações sociais diversas, que dialogam com uma organização de memória ampla e atualizada com no mínimo duas frentes de atuações – uma dialogando internamente com o grupo; e a outra com as pressões dos diversos setores da sociedade.

Nesse sentido, tem-se mais uma tentativa de desautorização de uma posição de memória desse contingente populacional, compondo mais um elemento na luta pelo direito a ser quem se deseja ser. As lembranças dos homens e mulheres negros são obrigadas a dialogar com mais essa frente de batalha no presente. Ao tentar não permitir que se “assente” no solo do passado que constitui grande parte do presente dessas localidades, as diversas iniciativas das famílias escravas, as ações individuais e coletivas dos homens negros, as fugas, as organizações abolicionistas, a construção dos momentos de medo às famílias não negras, as medidas preventivas dos proprietários dos plantéis de escravos, as negociações, dentre outros inúmeros aspectos constitutivos dessa sociedade, procura-se desconectar, limpar dos pés desses sujeitos o direito aos vestígios da caminhada social e voz no presente.

Em parte, destoam dessa condição anterior às localidades de Estrela do Sul, Uberaba, Prata, Paracatu, Araxá, e poucas outras. Nelas, a possibilidade de encontrar indícios históricos da presença e da atuação da população negra não é simples, apesar do maior número de evidências históricas da presença e a atuação desse segmento populacional. Dentre outras estratégias, a onda de construções e remodelações urbanísticas é o maior exemplo da maneira como as disputas por valores e sentidos ganham ares “técnicos”, aparentemente desprovidos de qualquer outra intencionalidade, prática que marca um sinuoso processo de limpeza cultural e histórica.

Da ampla presença de práticas sociais negras e da formidável “habilidade social” presente no cotidiano das relações que procura naturalizar, acomodar, desvalorizar a larga atuação dos homens e mulheres negros, para alguns pesquisadores, pode se pensar as relações sociais de uma região e não se voltar aos conflitos sociais em sua plenitude e a forma como atinge diferenciadamente os grupos ali radicados, numa postura que permite aos olhos partidários da manutenção do quadro estabelecido, o confortável enredar-se da suposta existência de convívios concebidos sem animosidades¹², sem

¹² A compreensão predominantemente encontrada a respeito da forma como a região constituiu-se, procura engendrar uma clara amnésia histórica perceptível em algumas análises, que escamoteiam e pautam-se no economicismo de suas abordagens e na presença estrutural das extensões do Estado Nacional que chegam à região. Nessa direção, é oportuno destacar o exemplo da pesquisa do Centro de Estudos e Pesquisas

sobressaltos ou convulsões sociais significativas,¹³ e sem aparentes atos de violência de qualquer natureza entre os grupos com valores e sentidos distintos, ao longo dos tempos.¹⁴

Econômicas do Instituto de Economia, da Universidade Federal de Uberlândia, que em meados dos anos de 1990 mapeia os bolsões de pobreza e miséria em Uberlândia e sequer mencionam o perfil étnico das famílias observadas. Tal proposição ratifica a manifestação lógica silenciosa de compreensão social, que procura desconsiderar as implicações históricas das relações que culminam em “aglutinações” dos grupos populacionais neste ou naquele espaço.

Sobre a multiplicidade dos temas de pesquisa e o esvaziamento das questões, ao se pensar a sociedade, a relevância dos estudos históricos empreendidos, enquanto cada vez mais sujeitos são impelidos aos mais baixos patamares sociais, dentre outras questões importantes ver: EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo. Editora UNESP. 2005. cap. I.

¹³ Acerca da violência instaurada e sub-elevação popular nas cidades pesquisadas, este não é um cenário de grandes movimentações sociais. Houve na cidade de Uberlândia um momento de quebra da ordem estabelecida, que se destaca a princípio em face das difíceis condições de vida das pessoas no período, que, supostamente devido ao aumento do preço dos ingressos nos cinemas, no ano de 1959, insurgem o quebra-quebra no município. Há algumas análises sobre o acontecido, tais como os estudos de RAGO, L. M. *Uma experiência de pesquisa histórica: o quebra-quebra de 1959*. In: *Cadernos Cedes*, São Paulo, n.º. 10. Ed. Cortez 1986. E o de VASCONCELLOS, Maria Helena Falcão. “Dias de violência – o quebra”. Campinas-SP: Ed. Unicamp. 1990. E também o de NUNES, Leandro José. *Cidade e imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras-Uberlândia – 1950/1960*. São Paulo. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

No geral, reafirmo, poucos são os momentos históricos conhecidos, nas cidades listadas de elevação popular. Há, por outro lado, em vários momentos, um sem número de disputas e posicionamentos pelo poder que se valeu de armas, pistoleiros, tocaias e outros meios violentos, mas nada que dialogasse com a ordem, não passando, na maioria das vezes da movimentação de um grupo político e, momentaneamente, economicamente coeso defendendo seus interesses.

Numa outra dimensão da violência, em que as populações mais pobres e desprotegidas ficaram diante da certeza da precariedade dos instrumentos de proteção e amparo institucionalizados, dentre alguns ícones exemplares tem-se as rememorações dos habitantes da cidade de Araguari, que conviveram com o caso dos irmãos Naves, uma clássica história de violência e injustiça. Esta construção social importante soma-se com as inúmeras compreensões e afirmações acerca da forma como o farmacêutico Antero, na cidade de Catalão e o João Relojoeiro na cidade de Uberlândia sofreram e agonizaram nas mãos de grupos sociais desiguais. Na cidade de Prata o caso do espancamento do jovem Malaquias, dentre outros ainda perdura nas lembranças e pesam no relacionamento de grande parte da população desses municípios com os poderes institucionalizados há anos.

¹⁴ No tocante à violência e as construções sociais de uma determinada memória, que opta pelos encaminhamentos proporcionados pela mitificação a partir da idéia de progresso, fertilizada por uma dada posição frente às transformações sociais, para

A partir do conteúdo dos relatos dos homens e mulheres negros, dentre muitos aspectos da presença histórica das práticas sociais, das sociabilidades negras em algumas cidades do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do sudeste de Goiás, destaco as referências às Irmandades Negras. Um amplo conjunto de instituições que transbordam em sentidos e responsabilidades, pois são, basicamente, incumbidas das organizações das celebrações de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e do Treze de Maio. Os testemunhos orais apontam ainda para os Clubes Negros. Espaços de sociabilidades, de divertimento presentes em diversas localidades pesquisadas. Ambas as instituições são detentores de longas e belas histórias de atuação de gerações de entrevistados.

A partir da fonte oral, o diálogo com homens e mulheres negros em busca de revelações acerca do passado nessas localidades reportam-se a este conjunto de estabelecimentos, há tempos, organizados de uma forma própria, impregnado de sentidos e valores concebidos em sintonia com o que havia de importante para esses sujeitos. A respeito desses recintos de sociabilidades e divertimentos, mesmo de modo rápido, registro que, a cidade de Uberaba possuía de forma atuante o Elite Clube até meados dos anos de 1990. Este importante espaço de

alguns advindas do incremento do transporte ferroviário, que contrasta com o suposto atraso sócio-cultural e tecnológico, esse conjunto de imbricamentos propiciou a elaboração de uma concepção que é alvo de uma série de reflexões que corroboram essa posição. Na direção contrária, o estudo de INÁCIO, Paulo César. "Trabalho, Ferrovia e Memória. A experiência de turmeiro(a) no Trabalho Ferroviário". Uberlândia/MG. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia. 2003. Aborda a questão da suposta e difundida violência física, crimes diversos, jaguncismos históricos, para o autor elemento abominável, mas 'aparentemente' constitutivo das relações sociais daquele momento histórico do sudeste de Goiás, na cidade de Catalão e região. A reflexão avança, ainda ao propor que aquela seria uma possível resposta, única de uma época, a, aspectos de um processo exploratório não menos violento, introduzido pelo mar de novas técnicas produtivas que desorganizam, solapam e desvalorizam a dimensão humana das populações estabelecidas. E é claro, em meio a tudo isto, as intensas disputas pelo poder, os diversos segmentos sociais, valem-se de procedimentos, também, não menos violentos. As populações não aceitam, não apenas absorvem calmamente os preceitos da nova ordem produtiva que pretende instalar-se, como emitem posicionamentos e lutam com suas armas pelo que acreditam. No caso das populações do sudeste, observadas pelo autor, as movimentações desses sujeitos sofrem duplamente: com a violência que procuram refutar, e com a dos registros históricos difundidos, que procuram perpetuar a desqualificação de um modo de ser daquelas populações.

diversão e conagração da população negra uberabense nas décadas de 1940 até aproximadamente 1960 localizava-se na região central da cidade. Sucessor de outros congêneres, como o Clube Recreativo Operário, da associação de trabalhadores ferroviários, o Elite Clube encerra uma linhagem de conquista e materializações de esforços do segmento negro local, e da convivência em separado dos demais grupos locais.¹⁵ Na trajetória de sua existência, com os anos, as pressões imobiliárias diversas, em um dado momento, numa manobra questionável, “trocou-se” o espaço de frente à praça central por instalações numa região afastada.

Na mesma direção, os relatos apontam que na cidade de Prata os homens e mulheres negros reuniram seus esforços e conseguiram viabilizar, em meados dos anos de 1940, àquela juventude negra a atmosfera do histórico José do Patrocínio. Este estabelecimento polarizou, por diversas gerações, com o outro clube local que não permitia a entrada de negros. Construído e várias vezes reformado com o trabalho extra de um sem número de pessoas, historicamente aglutinara pessoas que se viam, dançavam e reconheciam-se. Guardado com absoluta estima e carinho no conjunto de lembranças dos mais velhos negros locais, o José do Patrocínio de outrora, nos últimos tempos tem sido alvo de disputas judiciais, e enfrenta um momento de ínfima presença e atuação.

Do mesmo modo, as conversas na cidade de Uberlândia, referem-se facilmente aos espaços demarcados dentro do Tribuna, casa de samba que encerrara suas atividades nos anos de 1990, passam pela destacada Black Chic, durante a fase final de ambas coevas, e juntas encerram um amplo ciclo de atividades que apesar das iniciativas não fora retomado. Nas lembranças de espaços de atuação e de diversão desse segmento populacional constam ainda o Sal Tropeiro, Zanzi-Bar, o José do Patrocínio, popularmente conhecido como “cabaroupa”, e diversos outros espaços e nomes como o do Eugênio, Jerônimo Plácido, dentre inúmeros outros.¹⁶

¹⁵ A respeito da convivência em separado dos demais grupos locais, na cidade de Uberaba há um importante documento que revela a construção de uma escola exclusiva para as crianças negras, com lista de alunos matriculados e a sanção pública. Evidentemente aponta para mais uma página da história do convívio da população negra nas cidades da região a ser compreendida em outros termos.

¹⁶ Sobre as atividades noturnas na cidade de Uberlândia a reflexão de Júlio César de Oliveira constitui um exemplo raro. Nesta investigação o autor aborda os vários

Nas cidades de Catalão-GO e de Frutal-MG os clubes homônimos 13 de Maio, localizados ao lado da linha férrea que corta a cidade do sudeste goiano e o outro na parte da cidade velha, perto do antigo campo de futebol, naquela região do Triângulo Mineiro, ambos há décadas não promovem e nem capitaneiam o público de suas respectivas localidades. Em Catalão, a idéia surgida no seio de um pequeno grupo de pessoas, rapidamente convence, em seguida combina-se esforços e o encadeamento das ações nos dias entre 1941 e 1942 propiciaram que aquela e as gerações futuras presenciassem a materialização de um espaço urbano, que se consolidaria como o local de diversão do segmento populacional negro catalano. Na verdade, a materialização dos clubes catalisara intenções e inúmeros outros esforços anteriores que predominaram sobre as demais posições do grupo. Na cidade de Frutal o processo assemelha-se ao do seu homônimo catalano, e a construção, bem como o sentido das lembranças que emanam denotam um amplo sentido de união, de investimento futuro, presença política e uma abnegação exemplar de sobre-trabalho para viabilizar o Clube Treze de Maio frutalense.

Na cidade de Campina Verde-MG a Sociedade Recreativa 13 de Maio, na esquina das avenidas 23 com 32 na região central, encravada entre os pequenos estabelecimentos comerciais locais, de tempos em tempos arrebanha uma parcela da juventude local. Nos relatos, o ambiente desta casa de diversão repousa, serenamente, nas lembranças dos homens e mulheres negros campinaverdenses indagados e de outros nas localidades próximas que freqüentaram aqueles ares nas décadas de 1940 até os anos de 1970; com a chegada dos anos de 1980, o fluxo de pessoas diminui e o dinamismo local arrefece.

Na região do Pontal do Triângulo Mineiro, O Palmeira Clube, na cidade de Ituiutaba, é um dos poucos clubes negros regionais remanescentes que ainda promove o afluxo de importante parcela da população negra das cidades da região e de outros Estados para os seu baile por ocasião do último sábado de julho. Segundo diversos

pontos de encontro noturno da cidade, e contribui para desmistificar a compreensão de que os personagens que adentravam ao cotidiano noturno uberlandense eram desprovidos de obrigações, lastros morais e afazeres diários. OLIVEIRA, Júlio César de. O último trago, a última estrofe. Vivências boêmias em Uberlândia nas décadas de 40, 50 e 60. São Paulo. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2000.

apontamentos, este estabelecimento é dono de singular atuação histórica e inserção na dinâmica do município e da região. Nascido também de uma combinação de esforços da população negra tijucana na década de 1940, num primeiro momento localizara-se na área central de Ituiutaba com a expansão dos limites urbanos, as pressões e a valorização imobiliária, a antiga sede, como em Uberaba, é trocada por um amplo terreno, na época afastado de quase tudo. Novamente com o aumento populacional e, também do perímetro urbano, a atual sede encontra-se num espaço relativamente nobre.

A presença e a atuação dos homens e mulheres negros, nas cidades listadas, além do Clubes Negros, reportam-se, também às comemorações de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, importante e marcante comemoração da maioria da população negra dos municípios pesquisados. Nestas celebrações o envolvimento dos homens e mulheres negros fazia-se notar, para além da beleza do ritual, da sonoridade inconfundível dos tambores, das canções entoadas, da alegria estampada nas vestimentas de cores fortes e incomuns, do esforço físico despendido ao longo dos dias que amalgamam uma incontestável prática social negra ao universo de sentidos das localidades. Na mesma direção, há ainda algumas importantes celebrações referentes ao 13 de maio, referência direta ao dia da extinção da escravidão negra no país. Nessas duas datas, na celebração de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e o dia 13 de Maio, em várias cidades, grande parte dos homens e mulheres negros deixam os seus afazeres, saem às ruas, tocam seus tambores, cantam suas canções, em meio ao trânsito, invadem os espaços mais nobres desses municípios, invertem e subvertem parte da lógica diária, fazendo-se notar de maneira inquestionável.

Ainda no âmbito pessoal, se no primeiro momento a espontaneidade e impulsividade traziam uma forma de paz ao olhar naturalizado do juvenil prisioneiro das crenças de igualdade e indistinção entre os, formidavelmente, distintos grupos de brasileiros, em seguida, instala-se a clara desconfiança, que cada vez mais fundamenta a convicção de que a cidadania brasileira carrega claros indícios de uma etnocracia,¹⁷ alijando um expressivo contingente

¹⁷ TSIGELMAN, Luidmila Dymerskaya & FINBERG, Leonid. Anti-Semitism of the Ukrainian radical nationalist: ideology and policy, analysis of current trends in anti-

populacional dos principais benefícios e das prerrogativas da condição de cidadania, originárias do Estado de Direito pleno.

Dentre muitas possibilidades, a constatação de que alguns dados da condição geral dos homens e mulheres negros brasileiros revelam que 70% da população negra brasileira estaria empregada, no entanto a metade destes trabalhadores ganha até um salário mínimo mensal.¹⁸ Isso leva a pensar sobre o que rege as negociações entre os trabalhadores negros e as inúmeras possibilidades empregatícias, capaz de organizar seus ganhos e alojá-los de tal modo no interior das relações trabalhistas brasileiras. No tocante ao aspecto social, combinam-se vários dados que permitem verificar que a qualidade de vida da população negra brasileira equipara-se à dos moradores do Zimbábue e do Lesoto, dois dos países mais pobres da África.¹⁹

Diante deste e de muitos aspectos intrigantes acerca da presença e da atuação da população negra brasileira, indaga-se acerca do que haveria na distribuição da renda per capita nacional capaz de produzir a exclusão dos homens e mulheres negros de forma tão cirúrgica. O que estaria acontecendo nas dinâmicas das diversas cidades brasileiras a ponto de permitir estas coincidências? Numa outra dimensão, referente à educação letrada, de acordo com os dados do Censo de 2000, a população negra apresenta grande defasagem escolar em relação à população branca. Os dados apontam que, de modo geral, os estudantes negros não conseguem alcançar mais do que 70% da média dos anos de estudo da população branca. Quais as razões que levam a população estudantil negra ao desempenho descrito?

Ainda na questão educacional, no tocante ao ensino médio e fundamental, os dados revelam que nos últimos anos houve uma sensível melhora, em apenas um aspecto, envolvendo a população discente negra brasileira. A melhora está relacionada ao quesito idade

Semitism. In: *Acta*, n.º. 14, 1999, p. 24. Apud. ZAWADZKI, Paul. O ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia. In: NAXARA, Márcia e BRESCIANI, Stella (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2001.

¹⁸ *Jornal Folha de São Paulo*, 25 de junho de 1995, Caderno Especial, p. 7. O valor corresponde a cerca de um menos de um terço do salário mínimo por ocasião da pesquisa. Nesta ocasião, por força da MP 637/94 de 01/09/1994 o valor do salário mínimo era R\$ 70,00.

¹⁹ *Jornal Folha de São Paulo*, 25 de julho de 1997. Caderno Cotidiano, p. 1.

escolar e ciclo escolar no qual deveriam estar matriculados no ensino fundamental (denominada taxa de escolarização líquida). Entre os anos de 1992 e 2001, houve uma diminuição de 12 para 3 pontos percentuais na comparação entre negros e brancos. No entanto, apesar da maior presença nas devidas séries escolares de alunos oriundos da população negra, no ensino médio, a distância da escolarização entre negros e brancos aumentou de 18 para 26 pontos percentuais; isto ocorreu mesmo em face da população negra ter triplicado o seu ingresso neste nível escolar (BEGHIN & JACCOUD, 2002: 31-33).

Não há como não pensar no que acarreta socialmente ao contingenciamento dos estudantes negros, em relação aos brancos a manutenção das estruturas que engendram tal quadro social com implicações em tantos aspectos da vivência dessas populações. O que estaria por trás da forma como se dá esta exclusão escolar? Ao mesmo tempo, a visível e quase naturalização da precariedade das famílias negras brasileiras não comove e nem sensibiliza. Por diversas razões este quadro contribui e impele os membros destas famílias, inicialmente aos estudos e ao trabalho conjuntamente, mas, muitas vezes em virtude do esforço do trabalho, e não raro da longa caminhada que marca o percurso dos anos de estudo, sucedem-se as escolhas, as pressões, as contingências ao longo da vida, quase sempre culminando em priorizar o trabalho em detrimento das atividades escolares.

Alguns segmentos da sociedade brasileira durante um bom tempo, gozaram do histórico alívio que propiciava o fácil encaminhamento dos ganhos econômicos construídos a partir da combinação que passa pelo quadro da abertura dos concursos públicos e cargos privados das diversas empresas que se estabeleciam e exigiam habilidade escrita para alguns cargos médios, públicos e privados mais nobres com poucas e difusas disputas, durante anos.

Com o sistema de cotas nas universidades públicas brasileiras pode ocorrer uma reviravolta social, a partir da transferência de competências aos grupos de sujeitos que sempre interferiram em alguns extratos médios dessa sociedade. Esta é uma das muitas questões que ordenaram, de modo geral, a distribuição das ocupações no mercado de trabalho nacional. É possível pensar que onde havia a segura construção de um instrumental, por intermédio da educação, e que a quase certa 'garantia dos postos de empregos médios e altos' em disputa com poucos indivíduos, durante gerações e gerações, está

sendo questionado pela reivindicação de cotas nas instituições públicas de ensino superior brasileiro.

E de mais a mais, a disposição contrária às cotas, marcada pela compreensão de que políticas universais acabariam com os problemas que assolam a população negra e outros segmentos sociais, é de um contra-senso tal, como os dos que se encantam e admitem as práticas sociais negras, como legítimas e dotadas de valor e sentido ao grupo, e em seguida lhes negam o caráter político de sua existência. Pedir mais tempo e que a população negra acredite que uma política de eliminação dos problemas que assolam os pobres brasileiros “indistintamente” alcançaria os homens e mulheres negros, é fazer-se de desentendido, e negar a constatação social que salta aos olhos, como fez o Centro de Pesquisas Econômicas do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia. A posição com as cotas revela a compreensão de que, entre outros, não há postos de trabalho para todos, e que esse segmento, entendendo a sociedade como uma clara luta de classes, deseja lutar com outras armas.

Nos dias atuais o nível de empregos real diminui, as indústrias produzem cada vez mais com um número menor de trabalhadores, as propostas de reorganização das relações trabalhistas apontam para perdas de conquistas históricas e à não inserção de quem está desempregado ou ingressando ao mercado de trabalho. Assim, tem-se nas relações trabalhistas, entre outros pontos que se somam, partes importantes que podem permitir compreender alguns dos posicionamentos, diante da transformação, desta ‘folga social histórica’ de um grupo humano para ingressar em alguns postos de trabalho frente à ameaça individual contida na disputa vislumbrada por um posto de trabalho futuro a partir da instalação do sistema de cotas nas universidades.

Com uma possível maior participação na educação superior brasileira, o contingente de homens e mulheres negros poderá constituir gerações compostas por advogados, engenheiros, médicos, geógrafos, enfim, profissionais variados, agentes e produtores, debatedores, questionadores dos marcos e propostas de organização social, com o poder econômico²⁰ da escolha nas mãos.

²⁰ Sobre o econômico e sua força nos marcos de compreensão esclareceu Stuart Hall, “O econômico fornece o repertório de categorias que serão utilizados no pensamento.

Ainda a respeito do singular quadro histórico da população negra que intriga, a constatação do fato do celibato da mulher negra brasileira e o grande número das que chegam solteiras aos cinquenta anos, que é quase o dobro do verificado entre brancas e pardas (BERQUÓ, 1999: 63) merece destaque. Esta constatação, apesar da precisão de sua natureza, permite indagações acerca não apenas da mulher negra, mas do conjunto de homens e mulheres negros. O que haveria por trás do grande número do celibato da mulher negra brasileira? Padeceria a mulher negra brasileira de uma compreensão, generalizada, de que não seria uma boa companheira? O que estaria acontecendo para que uma parte do conjunto de mulheres negras brasileiras chegue aos cinquenta anos solteira?

Por sua vez, mesmo na graduação, aos poucos, aliado à minha condição de conhecedor de inúmeras outras cidades, somado as discussões sobre a função, a responsabilidade da Nação, e definitivamente, depois de compreender a forma e o lugar social que se procura impelir a população negra brasileira, tinha claro que alguns aspectos da cidadania, mesmo a que ainda deveria ser alcançada, como defendem alguns, não podia conviver com as constatações anteriores, onde caráter do estatuto de direitos e deveres dos homens e mulheres negros brasileiros era negociado ao bel prazer de disputas e tensões sociais diversas constitutivas das relações diárias. E nesse sentido, o conforto buscado por diversas compreensões, de que os problemas sociais que incidem sobre a população negra, quando admitidos, são “inerentemente originários da escravidão”.

O que o econômico não pode fazer é (a) fornecer os conteúdos particulares dos pensamentos das classes ou grupos sociais em qualquer tempo específico (b) fixar ou garantir para sempre quais idéias serão utilizadas por quais classes. A determinação do econômico sobre o ideológico pode, portanto, acontecer apenas em termos do estabelecimento anterior de limites que definam o terreno das operações, estabelecendo a “matéria prima” do pensamento. As circunstâncias materiais são a rede de restrições das “condições de existência” do pensamento prático e do cálculo sobre a sociedade. ... A estrutura das práticas sociais – o conjunto – não é oscilante nem imaterial. Tampouco é uma estrutura transitiva, cuja inteligibilidade se situa exclusivamente em uma transmissão de mão única dos efeitos da base para cima. O econômico **não** pode produzir um fechamento final do domínio da ideologia, no sentido estrito de sempre garantir um resultado. Nem sempre pode assegurar um conjunto particular de correspondências ou fornecer modos particulares de raciocínio a classes específicas, de acordo com seu lugar no sistema.” HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília. Editora da UMFG/ Representação da Unesco no Brasil, 2003. p. 291 (Grifo no original).

Para muitos, a duração da escravidão negra, período nefasto da sociedade brasileira ainda seria o responsável pelas distinções entre este e os demais segmentos sociais brasileiros. Esta hábil manobra agride e violenta de forma insofismável. Ao reportar a responsabilidade das condições da população negra brasileira à remanescência de desdobramentos da escravidão modula-se à confortável posição de não ter o que fazer para mudar a situação, uma vez que não é possível voltar ao passado. Os problemas da escravidão foram resolvidos na escravidão. Não é possível aceitar que os que lutaram e acabaram com aquela instituição não obtenham o devido reconhecimento do seu êxito. Os problemas que assolam a população de homens e mulheres negros são outros e ensejam outras soluções, com outros instrumentais de lutas e encaminhamentos. Aceitar a maioria dos argumentos que procuram arrastar a escravidão aos dias atuais é negar a memória e a história de homens e mulheres que muito lutaram. Não é possível permitir que isto aconteça.

Com os anos compreendi que os sujeitos são guiados por amplos e distintos valores. E dessa forma, os homens e mulheres negros, como outros segmentos populacionais organizam suas ações, suas escolhas embasadas em princípios. Por certo, “os valores não são ‘pensados’, nem ‘chamados’, são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as idéias” (THOMPSON, 1981: 194). Os sujeitos históricos elaboram as suas “normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e ‘aprendidas’ no sentimento) no ‘hábitus’ de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria.” (THOMPSON, idem: 194).

Pode-se afirmar que grande parte da história da presença e da atuação de homens e mulheres negros, no interior da absoluta maioria das cidades brasileiras, ainda permanece por ser analisada, sistematizada e disponibilizada em registros escritos nas bibliotecas e arquivos públicos. Há de se empreender tal propósito, considerando especialmente o modo pelo qual as opções, os sentidos e valores mais relevantes, desse grupo, em uma época, sob determinadas condições, sejam considerados na reflexão e em seguida figure na escrita dos autores. No interior da teia de tensões e disputas cotidianas, é sabido, também segundo (FONSECA, 2000: 90) que “o corpo humano veicula um tipo de código moral e estético determinado, sobretudo,

por seus traços externos” que de modo algum são deixados de lado nas considerações, estratégias, avaliações e defesas diversas.

É inegável que faz parte desse código o conjunto de considerações depreciativas ligadas às populações negras brasileiras, e cumpre investigar, quais seriam as construções históricas, numa combinação entre as formulações culturais e o conjunto de experiências ao longo dos anos nessas localidades que cercariam a compreensão do corpo negro pelas cidades do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do sudeste de Goiás? Quais seriam os códigos ligados a esse conjunto de sujeitos e quais as possibilidades de acessá-las historicamente?

Nas cidades observadas os homens e mulheres negros, com os Clubes Negros, as celebrações de Nossa Senhora do Rosário, dentre outras práticas sociais impeliam a pensar sobre “seus valores, as suas crenças, a sua relação com o trabalho, bem como a configuração de imagens que sustentam as experiências singulares de sua vitalidade sócio-cultural”. (FONSECA, *idem*, 90). Não é raro encontrar quem crê que a sociedade brasileira é plural, e que se auto-regula, determinando o que deve e o que não deve ser registrado. Para não ser em demasia incisivo, os muitos indicadores sociais da população negra brasileira instigam, e os comportamentos dos organismos que nos regem apontam para a clara e histórica formação de grupos que acessam determinados privilégios sociais em detrimento de outros, confortavelmente assentados sobre a naturalização de que a responsabilidade não pode ser atribuída a, praticamente ninguém.

A dinâmica da sociedade brasileira engendra, em seu cotidiano, práticas e formulas de disputas que levam em conta à rápida e certa identificação dos corpos e a compreensão de que devem ocupar determinados postos, em sua grande maioria, vazios de poder e de formas de interferências significativas na sociedade. De certa forma, politicamente condicionadas pelo conjunto de interpretações das ações, as análises formuladas sobre o passado não são totalmente responsáveis pelas ações e políticas sociais reais, mas também não são isentas de responsabilidades.

Partes das interpretações sobre as participações deste ou daquele segmento social do passado de uma localidade, podem, efetivamente, por muito tempo, não interessar a muitos. “Cada geração copia e reproduz sua predecessora até onde seja possível, e se considera em

dívida com ela na medida em que falha nesse intento” (HOBSBAWM, 1998: 22). De maneira pensada ou não, ao optar por debruçar-se ou não sobre determinados temas e proposições de um tempo, de uma sociedade, sob este ou aquele enfoque, explicitam-se também as opções políticas dos analistas. Uma vez que “os cientistas engajados são aqueles que mais tendem a usar sua experiência ‘externa’ no trabalho acadêmico. Isso não implica necessariamente compromisso político concreto, ou mesmo ideológico” (HOBSBAWM, idem: 150). A ausência, nas análises sociais de determinados temas, perspectivas, debates e enfrentamentos que desnaturalizem mazelas convencionadas, silenciosamente aceitas em uma sociedade, trazem em si, além da violência contida em determinados eventos sociais, o lugar social, a postura política de onde as proposições e os encaminhamentos ou não para uma sociedade com novos quadros diferentes dos que aí estão.

Nas localidades do Triângulo Mineiro, do Alto Paranaíba e do sudeste de Goiás as entrevistas, as conversas com moradores negros, indagando acerca das experiências dos pais, dos avós e das próprias vivências em cada uma das cidades, são o meio escolhido para compreender as avaliações das condições de vida, os principais projetos e propostas desse grupo de sujeitos nas condições vividas na segunda metade da década de 1930 até a chegada dos anos de 1960. As observações de homens e mulheres negros com 60 anos ou mais permitiram observar aspectos do relacionamento entre os diversos grupos humanos que ocupam essas localidades, os projetos de construção dos espaços de vivência, o critério de disponibilização de esforços, de encaminhamento das questões, do embate das diferentes perspectivas de vida que mediram forças e viabilizaram as principais demandas dos grupos presentes nestas cidades.

Dentre tantos envolvimento, as lembranças dos homens e mulheres negros destacam os antigos Bailes Negros, nas cidades observadas, que marcavam as eleições das Misses Negras, os bailes da Primavera, os bailes de Sábado de Aleluia, dentre outros eventos que não mais existem, mas que figuram com absoluta facilidade na totalidade das entrevistas.²¹ Compreender, dentre tantos pontos, como

²¹ Até o momento já foram feitas cerca de 80 entrevistas e um sem número de conversas em esquinas, bares, residências, ensaios de ternos de congos e moçambiques, missas,

figuram as avaliações das atuais populações negras, como se reportam ao passado, às construções e envolvimento de uma vida há tempos radicadas nessas localidades e sobre a trajetória no interior dos encaminhamentos desses municípios, dentre outras questões são trabalhos para uma vida de pesquisa, de embates e de questionamentos da sociedade naturalizada e disposta no entorno.

Do antigo conjunto de atividades, de valores desse contingente populacional, por alguma razão ao longo dos tempos, não são mais promovidas essa ou aquela prática social. Sem transformarem-se em uma evidência do descompasso com o vivido, as desaparecidas ações, os interesses e envolvimento de outrora, deram lugar a algumas outras inserções perpassadas de sentidos e valores. Nessa direção, é possível perceber que alguns, dentre outros, permanecem, tal como os vários centros de Umbanda e Candomblé, muitos dos quais completam cinquenta, sessenta, setenta anos de existência ininterrupta; os ternos²² de idade semelhante, algumas festividades de Iemanjá, dentre outras que fazem crer numa forma de organização de sentidos e de valores aglutinadores.

Encarando as práticas sociais, no caso as celebrações de Nossa Senhora do Rosário, como um processo político de atualização e de rememoração dos homens e mulheres negros nas cidades em questão, a recorrência desta prática que proporcionou a possibilidade de compreender aspectos importantes dos grupos residentes nessas cidades. A pesquisa a respeito dos modos de vida da maior parte do contingente²³ revela que, na cidade de Catalão/GO, as comemorações da Festa de Nossa Senhora do Rosário, do segundo domingo de outubro, acontecem há pelo menos 125 anos, ou seja, desde 1879 há

ensaios de escola de samba, terreiros de umbanda e candomblé, arquibancadas, alambrados de campos de futebol, pescarias, almoços festivos, pontos de ônibus, pequenas viagens intermunicipais, feiras, mesas de truco, churrascos, feijoadas, folias de reis, mercados municipais dentre outros. Agradeço a todos os entrevistados a confiança depositada, “as rezas e a torcida para que o livro ficasse pronto”, obrigado.

²² Os ternos ou batalhões são as composições humanas, agrupamentos de indivíduos fardados que celebram Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, além das celebrações do dia 13 de Maio em muitas localidades.

²³ Losnas, guinês, bailados e moçambiques. A presença da população negra no Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Sudeste de Goiás. (1935-1960). Projeto de doutorado em História Social, junto ao Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e de pesquisa cadastrado junto a Universidade Federal de Goiás – Campus Avançado de Catalão.

referências a essa prática social nessa localidade. Nesta localidade a presença dos ternos e o envolvimento popular destacam-se das demais. Da mesma forma a institucionalização das celebrações, com a presença de prefeito, governador, representante do ministério da cultura, dentre outros, faz-se notar.

Não foi difícil perceber em meio às celebrações negras cumarienses relatos que dão conta dessas comemorações por volta dos anos 20, em Cumari/GO; de modo bastante semelhante pude levantar informações sobre essas práticas sociais na cidade de Goiandira/GO com suas celebrações a cerca de 90 anos, e Itumbiara/GO que apesar de amplas referências às festividades na zona rural, reeditam as celebrações num esforço recente, entre outras cidades desse Estado.

Pelo lado de Minas Gerais, em Ituiutaba, fáceis referências acerca dessa prática social reportam-se à atividade há cerca de 90 anos, em Araguari há pelo menos 80 anos; em Monte Alegre de Minas há cerca de 100 anos, assim como Tupaciguara; e em Uberaba os indícios reportam-se há aproximados 150 anos; em Uberlândia há cerca de 130 anos; na região do Pontal do Triângulo Mineiro, em Campina Verde, há relatos da presença da Festa nos anos de 1920; na cidade de Prata as referências remontam à passagem de 1800 para 1900; assim como nas cidades de Frutal e Patrocínio; em Serra do Salitre, é anterior aos anos 30; em Rio Paranaíba, no Alto Paranaíba os relatos remontam ao ano de 1847, dentre outras referências.

Deparava-me com um sem número de indícios, vestígios, pistas variadas de uma atuação histórica, referendado pela presença de um conjunto de práticas permeadas de valores e sentidos nessas cidades. Isso permite intuir, logicamente, acerca do grupo de homens e mulheres negros e de sua condição de sujeitos que trazem valores, expectativas e modelos que para manterem-se como grupo efetuam determinadas atividades sintonizadas com a sua reafirmação pessoal.²⁴

²⁴ As ponderações de Roger Bastide sobre as formas como as populações africanas passam a lidar com as condições sociais e culturais brasileiras durante e após a escravidão, instigam a pensar acerca das práticas sociais negras que perduram ao longo dos anos e (embora não seja propósito do autor) permitem vislumbrar uma postura política dessa população na defesa de seus valores, quando conclui que: “a sociedade negra nunca é uma sociedade desagregada. Mesmo onde a escravidão – e,

Pois, por meio dessa postura, esse grupo invade os territórios urbanos, (alguns que outrora lhes pertencera, mas que atualmente estão nas mãos de outros grupos populacionais) e suas festas são as primeiras a permitir perceber que essas pessoas atuem nesses espaços e imprimam marcas culturais, sonoras, gestuais, religiosas e, por extensão cumpre investigar se ali não estão contidos elementos de perspectivas de mundo, de formas de relacionamento com as tensões cotidianas, que emanam do convívio entre esses homens e mulheres negros e seus valores, suas convicções culturais e as diversas formas de dominação, tentativas de controle e exploração, que há anos, marcam aspectos da forma de relacionamento histórico dessas regiões.

No tocante à proposta de acessar as compreensões das vivências dos membros de famílias negras nas cidades pesquisadas, busquei entrevistar homens e mulheres negros com idade sexagenária mínima. Com essa estratégia acreditava-se alcançar elementos da vivência desses sujeitos nas cidades pesquisadas tendo como possível marco os anos finais de 1930. De modo geral, para muitos os anos de 1930 distinguem-se, no aspecto do ordenamento do Estado de Direito, por acreditar que a sociedade brasileira experimenta a organização de uma expressiva parcela de importantes mecanismos de direitos, garantias individuais e coletivas, diante de um período de violações individuais sancionadas pela compreensão corrente.

De acordo com a compreensão da conjuntura brasileira acima citada, as tensões sociais, as pretensões dos diversos grupos brasileiros organizados²⁵ que emanam do percurso trilhado até se conseguir que o seu hábito, o seu modo de vida não fosse criminalizado, alguns grupos formam-se, esquadriham áreas de investimento e atuação, estruturam-se politicamente e no embate, delineiam os contornos do

depois, as novas configurações urbanas de vida – destruíram os modelos africanos, o negro reagiu, reestruturando sua comunidade. Ele não vive como homem da natureza, mas cria novas instituições, dá-se novas formas de vida, cria-se uma organização própria, separada da dos brancos”. BASTIDE, Roger. *As Américas negras: as civilizações africanas no novo mundo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974. p. 44.

²⁵ Desde os clássicos grupos de produtores rurais paulistas e do nordeste brasileiro; os militares de alta patente e os oficiais novos com preocupações distintas dos primeiros; os grupos de literatos, professores, estudantes, comerciantes e industriais que enriqueciam rápido e demandavam um nível de organização que se assemelhasse a uma república tal como a dos EUA., dentre outros.

que seriam as feições de uma sociedade que procura afastar-se da República Velha.

As diversas pressões sociais, muitas vindas dos anos vinte, com destaque especial às trabalhistas,²⁶ aliadas ao projeto de re-estruturação e ordenamento urbano de algumas cidades brasileiras, combinam-se perfazendo um marco histórico importante para a discussão. Porém, mais importante é o fato de que os anos de 1930 podem representar a fase adulta de uma população negra brasileira que há cinco décadas está formalmente livre das imposições do sistema escravocrata de outrora, inserida nas relações de suposta igualdade com os demais grupos nacionais. Poder-se-ia, assim, dialogar com os acontecimentos e a interpretação do ocorrido envolvendo os homens e mulheres negros e o restante da sociedade compreendida pelas três regiões mencionadas.

O contato com entrevistados negros sexagenários, septuagenários e mais velhos, nos dias atuais, é uma tentativa a que poucos pesquisadores preocupados com fonte oral podem prescindir. Esses interlocutores nos anos 2000 são, obviamente, filhos e filhas dos adolescentes e adultos negros dos anos de 1930; sendo assim, em muito poderiam com a revelação de suas experiências de pais, mães, avôs e avós e a forma como conduziram suas vidas, sem dúvida, contribuir para se pensar a sociedade brasileira. Mas mesmo para a História Oral, os referidos indivíduos acima mencionados não são as únicas possibilidades de diálogo com as condições daquele, ou de períodos anteriores.

Por certo os sujeitos que conviveram com os homens e mulheres negros mais velhos receberam informações sobre aspectos importantes da vida de seus antepassados e o transmitiram às gerações posteriores. Acessá-las, por certo, é o trabalho a ser feito. Em seguida, e devido a um melhor entendimento de que as memórias e as informações das vivências dos diversos sujeitos históricos emanam nas suas relações sociais diversas, e que as principais observações do passado de uma geração de antepassados não estão somente neles, para além disso, na verdade muito do que foi importante para uma

²⁶ Como a regulamentação da jornada de trabalho, os acidentes de trabalho, o trabalho da mulher e do menor, o descanso semanal, as férias, as caixas de aposentadorias e pensões são alguns itens.

geração pode chegar até nossos dias de formas variadas. Compreendia assim, que os diversos meios de transmissão dos valores de um grupo, em determinada conjuntura, podem estar, a todo instante, dialogando com o presente, inclusive propondo outros encaminhamentos sociais.

A história oral pode, para além de oportunizar a exposição de outras proposições sociais, posições políticas, pretensões diversas de segmentos populacionais que por muitas razões não imprimem suas versões dos acontecimentos históricos, dessacralizar as compreensões das primazias de uma fonte sobre as outras. Nesse processo, deixava a inicial e traiçoeira tentação de busca e catalogação dos diversos depoentes, assim como a insensata proposta de listagem das principais informações obtidas que até então me contaminava, e passava a entender que ao lidar com a história oral, não manuseava entendimentos e compreensões estáticas, fossilizadas, mas sim movimentos vivos no interior de uma sociedade em que a tensão e a (re)negociação dos valores dava-se incessantemente. Sendo assim, não cabia aprisionar reflexões e menos ainda catalogar sujeitos. Com os anos de trabalho e uma melhor compreensão da especificidade desse conjunto documental pude perceber que “abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos” (LOZANO, 1996: 22) em meio a uma profusão de sentidos e interesses, transformados em pressões sociais que a todos assolam.

Nessa perspectiva, a suposição de que os antepassados negros brasileiros viveram as situações contidas nos variados processos sociais, e teriam assim constituído uma base comum de memória social ampla, mas que se perde com a morte de cada indivíduo que passara pelo evento, e que as suas experiências devem ser registradas, armazenadas e continuamente repassadas para não se perder, parece não proceder. A capacidade de avaliações dos diversos momentos vividos em várias dimensões de sua cotidianidade e o partilhar pontos centrais dessa vivência de modo a fazer sentido nos dias atuais, parece ter sido o motivo maior para que os homens e mulheres negros brasileiros buscassem apoio e imprimissem os registros de suas experiências em setores pouco usuais nos processos de averiguação de um tipo de memória social difundida, as práticas sociais diversas.

Ciente das diversas posturas sociais e cômico da desconfiança de estar diante do emanar de uma lógica própria, um modo de vida

que poderia ser compreendido outrora como alienado, alheio, niilista, dentre outros indicadores de pouca ou nenhuma razão governando os atos, no convívio com os homens e mulheres negros ao longo dos anos nas cidades pesquisadas, constatava, cada vez mais, a existência de um grupo “com capacidade, de trazer nas palavras que profere o engajamento do homem em sua totalidade e, neste sentido podemos dizer que ela contribui para criar um tipo de homem particular para moldar a alma afro-brasileira” (BA, 1980: 193). Assim, o contato com fonte oral e a perspectiva de investigação, tendo a prática social e o modo de vida do grupo de homens e mulheres negros e o conseqüente diálogo direto com as condições e transformações das cidades em questão, possibilitam a construção de um quadro em que as lembranças individuais, solitárias, de pessoas diversas sempre transmissíveis e de rastros históricos indeléveis, estão e estiveram sempre presentes nos textos palimpsestos das memórias sociais dessas localidades.

Com a História Oral, na pesquisa transparece uma seqüência de lembranças evocadas individualmente por um grupo de homens e mulheres negros, em que alguns há muito não se vêem (embora muitos nunca tenham se visto), que contribui para compor um quadro do sentido de identidade deste grupo-pessoa, pois “o passado é crucial para o sentido de identidade: saber o que fui e confirmar o que sou.” (LOWENTHAL, 1998: 103). As memórias que emanam desta investigação permitem conhecer, dos entrevistados um conjunto único que mapeia a “seqüência de percepções, e deve ser considerada a fonte de identidade pessoal” (LOWENTHAL, *idem*, 83). Ao mesmo tempo, essa identificação pessoal e individual com o passado de cada entrevistado permite o contato com um contingente de sujeitos, que detêm uma forma de compreensão dos sentidos e valores das práticas sociais nas suas ações e marcas históricas únicas em suas lembranças. Apesar de suas inúmeras especificidades, transparece mais um elemento comum, a construção e manutenção de redes e relações associativas duradouras, que mobilizam lembranças individuais, balizadas pela atuação nesse universo.

Uma pesquisa nas principais bibliotecas, e arquivos no Brasil em busca de referências ao conjunto de homens e mulheres negros revelará a inexpressiva presença de publicações históricas em que esses sejam sujeitos e ou membros das considerações dos autores. Nas publicações brasileiras encontradas, poucas são as existentes que

considerem os pontos de vista e/ou que tragam uma valorização das ações e práticas das populações negras nos diversos espaços que constituem o país. De modo quase unânime, surpreende a capacidade de pleitear isenção e menosprezo subjacente ao escamotear das posturas partidárias dessas práticas que sancionam a maior parte da seleção e organização dos registros históricos que envolvem os homens e mulheres negros.

As narrativas orais urdidas a partir dos relatos de homens e mulheres negros permitem dialogar com a experiência de viver em cada uma destas localidades em questão, aproximam o pesquisador das interpretações acerca das lembranças dos ambientes, dos sentidos e dos significados que o grupo de homens e mulheres negros vivenciaram. No processo de construção das entrevistas, os testemunhos geraram novas histórias, mostraram novas perspectivas de interpretação e hierarquização dos acontecimentos, novas formas de conceber e valorizar a região que abriga esses municípios.

Nesse sentido, a “criação de novas histórias, por sua vez, pode, literalmente, contribuir para o processo de visualizar um conjunto das vozes e das experiências vividas por indivíduos e grupos que foram excluídos das narrativas históricas anteriores, ou foram marginalizados.” (CRUZ, 1999: 304). Além das intenções por trás das omissões e no carregar das cores históricas das muitas versões intencionalmente distribuídas, com propósitos políticos claros, de consolidação de posições, das tentativas de hegemonização de aspectos importantes desta sociedade, tem-se uma intensa disputa pelo melhor lugar na história e a clara tentativa de ratificação de uma dada versão dos acontecimentos. A história forjada, que procura excluir os homens e mulheres negros, constitui-se de um tipo de memória, uma versão elaborada a partir de experiências comunicáveis, como possibilidades de apreensão de outras significações, tecida com o esquecimento e a recordação pensada, selecionada e utilizada no dia-a-dia.

De modo geral, as tramas históricas, as recordações tonificadas diariamente, as lembranças evocadas são parte de uma proposta de relação deliberada com o passado e com o presente. E o conjunto que se compõe com as opções efetuadas, marca que os acontecimentos não existem inertes, isolados, alheios às compreensões do entorno e as utilizações que se faz. É justamente com o registro de quem passa com outra proposição política, com outros olhos para o mesmo

acontecimento, que faz emergir um sentido que pode ser silenciado por tempos e tempos, mas não se pode impedir a sua tessitura indelével, nada previsível ou racionalizável.

E é no ninho das muitas versões de verdades históricas sufocadas, em especial as dos grupos sociais que em muitos momentos ficaram à margem dos registros, que se dá a valorização das práticas sociais sancionadas de rememorações e transmissões para as gerações futuras, sobretudo as que não gozam do privilégio de reificação da memória proporcionado pelo intermédio de uma escrita depositária. E é certo que, com outras perguntas e outros ângulos de indagação, surgirão outras perspectivas de vida contidas naqueles mesmos espaços de vivências. A fonte oral traz, entre outros, o que os informantes “acreditam ser e/ou ter acontecido, e na verdade constroem dessa maneira um fato histórico (isto é, no fato no qual eles crêem), não numa inverdade” (PORTELLI, 1981: 31), menos ainda da rasa questão da opção pela ausência do material escrito, mas sim a possibilidade de analisar uma proposta de sociedade divergente da que conhecemos, pela ótica de um grupo de pessoas que pouco foram ouvidos acerca do que pensam e de como viveram nas cidades pesquisadas.

O diálogo com as observações que emanam das narrativas, nas cidades de Minas Gerais e do sudeste de Goiás, possibilita levantar uma identificação do grupo, traduzida em “marcos e periodizações, práticas, territórios, valores e tradições diferentes daqueles instituídos na memória hegemônica sobre os processos de transformação da vida social “mostram-se estratégicos no encaminhamento de perspectivas e pretensões que buscam escrever outras histórias” (CRUZ, 1999: 304).

Durante as pesquisas, tendo sempre em mente compreender as questões acerca da presença e da atuação dos homens e mulheres negros, com seus valores, seus sentidos nessas localidades, as análises das diversas observações dos entrevistados, mesmo em cidades distintas, apontavam para um conjunto próprio e complexo de ações, comportamentos, acomodações, negociações, enfrentamentos, acirramentos, empresas diversas, derrotas que logo eram (re)elaboradas e transformadas em novos empreendimentos de luta e construção do espaço de vivência. Nesse processo de compreensão do compartilhar as experiências desses sujeitos, a questão da restituição, retribuição às

inúmeras gentilezas recebidas vinham á mente, com o tempo compreendi que o que hes oferecia era “uma oportunidade para as pessoas com quem conversava organizar seus conhecimentos com maior clareza: um desafio para aumentarem sua consciência [apesar da minha] interferência na história cultural da comunidade” (PORTELLI, 1997: 30-31), e a de outros que pensaram esses mesmos espaços.

Com as revelações, estava diante de um conjunto de indícios que permitem considerar a possibilidade de pensar as formas de atuação desses sujeitos nessa região e a conseqüente produção historiográfica difundida. E de perguntas tais como: Como é que homens e mulheres negros construíram as suas formas de vida nesses espaços? Quais as principais dificuldades e facilidades encontradas por esses sujeitos ao longo de suas histórias nesses cenários? Quais as principais valorizações que esse contingente negro guarda em suas lembranças de suas trajetórias de vida, de suas conquistas, de seus anseios, de seus projetos nesse cenário? A princípio, de modo geral, foi possível perceber que a maior parte dos inúmeros relatos colhidos das observações emergem sem mágoa ou tristeza, mesmo em face da condição de um ou de outro acontecimento de outrora. A ausência desses sentimentos nas entrevistas pode evidenciar não a falta da percepção, do discernimento acerca da condição vivenciada, mas, entre outros elementos, do atual lugar de construção da reflexão externada, contraposta até mesmo aos dissabores vividos.

Numa outra dimensão, poucos são os momentos de dissabor, de tristeza e de dor externados pelos depoentes. No geral, a sensação de prejuízo e de tratamento desigual, ao longo dos anos, efetuado pelo grosso da população, devido a sua tez, aparecem. Diante desse quadro tem-se algo que passa pela proposição que “só pode haver justiça se o crime for esquecido e um grau de perdão pelo passado for considerado” (RIBEIRO, 2000: 140), nessa direção, as relações sociais brasileiras, ao serem examinadas apontam para a compreensão que “a justiça não está na restauração de um equilíbrio sempre mítico, mas na produção de um futuro que tenda, mesmo nunca o realizando, a algum equilíbrio” (RIBEIRO, 2000: 140), a longa presença das práticas sociais da população negra e os relatos dão, a entender que os dados ainda estão rolando, batalhas foram perdidas, mas nada está encerrado.

A indagação acerca da forma como a população de homens e

mulheres negros vive e percebe a sua presença no interior dessas localidades permite compreender etapas importantes do processo de constituição desses municípios. Considerando o conhecimento elaborado no seio de cada grupo e no interior das especificidades históricas de cada um desses municípios e da região, e por extensão, o fato de que no país, também singram as digitais históricas, tem-se que os sentidos atribuídos às mesmas transformações ocorridas, às vezes ao mesmo evento, em cada uma dessas localidades podem e são tratados de maneiras distintas.²⁷

A aparente pacífica convivência urbana da população de homens e mulheres negros nessas localidades pode, muitas vezes, esconder as dificuldades e a especificidade de se viver em grupo, de se acordar e discrepar das diversas utilizações dos inúmeros arranjos históricos, em que, não raras vezes, a concorrência individual, está alicerçada em uma combinação de preceitos do social, quase sempre propícia, aos diferentes grupos humanos vivendo próximos uns dos outros, em constante e quase completa interação espaço-sócio-histórico, mas ainda assim dotados de armas, instrumentos de acionamento político desse universo de atuação e de construção de possibilidades de absorção e usufruto, sempre desiguais e diferentes, para lidar com questões 'supostamente' iguais.

A efetivação da existência de quaisquer indivíduos passa, normalmente, pelo fato de ser capaz de deixar um rastro histórico, compreendendo-se enquanto sujeito capaz de transmitir os sentidos e saberes às próximas gerações alinhar-se na sequência de pequenos tijolos históricos quase imperceptíveis, mas de soberba amplitude política. Nesse sentido cumpre perceber os embasamentos culturais sociais e históricos, os experimentos individuais e coletivos que atribuem às existências e às razões dos contornos decisivos do seu dia-

²⁷ Nesse sentido, observa a historiadora Déa Fenelon, que: ao contrário dos estudos sobre a urbanização onde se constata as várias etapas do crescimento e ocupação da cidade, interessa indagar da maneira como os agentes diferenciados se apropriaram ou criaram as condições de vida urbana e aí foram dominados ou se rebelaram. As diferentes percepções, representações para a vida urbana e o estudo de controle do crescimento e principalmente da população que aí vai se instalando, nas mais diversas condições de habitação e de vida certamente proporcionam pistas para o estudo da prática social destes trabalhadores em ângulos nem sempre explorados.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. Revista Projeto História. São Paulo, n.º. 10, p. 73-90. 1993.

a-dia. Por sua vez, é possível pensar que as condições dos homens e mulheres negros veiculam um tipo de código moral e estético determinado, sobretudo por traços externos.

Na a relação dialógica com os demais segmentos populacionais dos municípios pesquisados, faz “parte desse código o conjunto de considerações depreciativas ligadas ao negro e aos seus valores, às suas crenças, à sua relação com o trabalho, bem como a configuração de imagens que sustentam as experiências singulares de sua vitalidade sócio-cultural” (FONSECA, 2000: 90), em que poucas são as formas de se viver desejadas e sancionadas pelos cânones de uma vida ancorada no prospecto de convívio nesta sociedade.

Há, dessa forma, a partir da fonte oral, a possibilidade de se analisar aspectos das relações e da presença das famílias negras no interior das cidades com os demais grupos e sentidos presentes. Por este ângulo, a observação das escolhas e opções de vida, sempre em face de elementos da condição histórica experimentada contribui para se pensar sobre a forma como este grupo de sujeitos, juntamente com os diversos segmentos populacionais, com suas pressões culturais, políticas, suas formas de viver, também adentraram nestas localidades, sempre procurando ocupar os melhores pontos dos diversos espaços urbanos. Na maior parte do tempo ausente das preocupações que orientaram as observações históricas, a clara presença das inúmeras práticas sociais negras revela que os homens e mulheres negros, construíram e viabilizaram soluções próprias e possíveis historicamente, engendraram imperativos de suas demandas e somaram-se às diversas materializações que se ergueram nestes cenários.²⁸

Com segurança, o diálogo com as experiências de vida desses sujeitos, cumpre indagar acerca das ações empreendidas ao longo dos

²⁸ A partir do exposto é possível inferir que, com base na grande quantia de saberes, vontades, sentidos dos homens, mulheres e crianças negros estabelecidos nas cidades do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do sudeste de Goiás, as diversas experiências relacionais com os demais conjuntos de indivíduos dessas localidades, que certamente acarretam num constante (re)negociar de sentidos, reposicionamento de esforços, recuos e avanços em frentes nem sempre perceptíveis aos atuais instrumentais de compreensão das relações sociais brasileiras; ao lado disso, há uma certa preocupação com a transmissão de importantes conteúdos históricos, personificados nas evidentes marcas das práticas sociais que geram frutos, timbram as localidades e imprimem, de maneira sinuosa, a convicção de um grupo.

anos, que viabilizaram o conjunto das presentes práticas do grupo, das construções ao longo dos diversos momentos históricos dessas localidades, do contorno do convívio com as múltiplas pressões sociais. A partir do trabalho com a história oral pode-se compreender as estratégias desenvolvidas no interior dessas cidades e constatar que de uma forma ou de outra, ao longo dos tempos, mesmo em face das escatológicas condições sociais em que vive a maior parte da população negra brasileira, nesses mesmos espaços, tem-se permitido às gerações negras ver uma importante parcela da tradução dos imperativos sociais do grupo, contidos na forma como conseguem as margens sociais dos espaços constituídos, impor nessas localizações elementos da tensão histórica, que permeiam as defesas dos valores de cada um dos grupos presentes. A compreensão desses imbricamentos sociais permite vislumbrar aspectos dos diversos níveis dessa história de interação (RONCAYOLO 1986: 487).

As observações que emanam dos novos marcos comemorativos, as novas proposições temáticas, os diferentes centros de importância eleitos pelos membros dos diversos grupos sociais, que com seus hábitos, suas expectativas e perspectivas próprias, dentre outros elementos presentes nas mesmas localidades, supostamente regidos pelos mesmos conjuntos de regras cívicas, tangidos pelos conjuntos organizadores de memórias, expressos, dentre outros nas comemorações cívicas nacionais, caracterizam uma preocupação, uma iniciativa de investigação histórica do posicionamento dos profissionais que enveredam pela eleição e valorização de aspectos da vida de personagens que nem sempre figuraram nos principais centros das reflexões. Por sua vez, com a História Oral e a desnaturalização, a passividade, na forma de paz que convivia com o sistemático alijar de grande parte da população brasileira, a proposição parte do princípio de que a maior parte de quaisquer conjuntos de sujeitos históricos eleitos para análise, são e serão sempre detentores de um conjunto de significados, valores e escolhas próprias.

No processo de construção das entrevistas, ao contrário de perseguir uma outra verdade, importa entender que o testemunho oral desses homens e mulheres negros, em cada uma das cidades observadas, gera novas histórias, novas perspectivas de interpretação e formas de pensamento sobre cada uma destas localidades e, também da região. Há assim, a compreensão de que nos dias atuais os homens

e mulheres negros nos momentos das entrevistas, estão dialogando com o vivido e também com uma condição específica de trabalho, de tensão e força dentro das negociações diárias, quase infindáveis, e de que isto repercute na forma de sua presença e da ocupação das áreas centrais destas localidades, abrindo espaço para indagações diversas e ao invés de invalidar as reflexões dos entrevistados enriquece-nas, o que é fundamental para a percepção da riqueza do que se produz com o entrevistado.

Com a História Oral pode se pensar como se deu a presença desse contingente negro nesses espaços e o seu relacionamento cotidiano com os projetos, as diversas intenções e perspectiva futuras. De maneira nenhuma a presença, e a construção de possibilidades, soluções, vitórias e derrotas no incessante (re)negociar diário desses sujeitos nessas localidades, pode ser concebido como uma história à parte, de homens e mulheres negros vivendo à margem, que suas ações e seus objetivos são, em muitos momentos distintos, de difícil captação e compreensão. As ações, as escolhas desses sujeitos não deixam de contribuir na constituição dessas localidades isoladas, e da região como um todo; ou melhor, crê-se não se tratar “de duas histórias que correm paralelas sem nunca se encontrarem, senão de uma só, cuja simbologia ora mostra o visível, ora insinua o invisível” (BRUIT, 1995: 153), histórias que coexistem há anos, mas que uma delas tenta monopolizar e cercear a divulgação de sentidos e valores dos múltiplos personagens presentes nas cidades do Triângulo Mineiro, de partes do Alto Paranaíba e do sudeste de Goiás. E deixam ver uma formidável batalha de memória há tempos, discretamente estabelecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BA. A. Hampâte, “La tradition vivante”. *Histoire generale de l'Afrique. L. Methodologie et préhistoire africane*. Paris, Jeune Afrique: Unesco, 1980.

BAKTHIN, Mikhail. *A cultura popular na idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BASTIDE, Roger. *As Américas negras: as civilizações africanas no novo mundo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

BEGHIN, Nathalie & JACCOUD, Luciana. *Desigualdades raciais no Brasil: Um balanço da intervenção governamental*. Brasília-DF: IPEA, 2002.

BERQUÓ, E. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In NERI, Anita Liberalesse & Debert, Guita Bri (orgs). *Velhice e sociedade*. Campinas-SP: Papirus, 1999.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Um século de transformações*. São Paulo. Cia das Letras, 2001.

BONVINI, Emilio. *Tradição oral afro-brasileira as razões de uma vitalidade*. Trad. Karim Khoury. In. Revista Projeto História, São Paulo, n.º 22 jun. 2001.

BRUIT, Hector Hernan. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*. Campinas: Unicamp, 1995.

CRUZ, Heloisa de Faria. "Inventando a sobrevivência: a atualidade dos estudos sobre pobreza e exclusão social". In. Revista Projeto História. n.º 18. São Paulo: EDUC, 1999.

CUNHA Jr., H. Afrodescendência, pluriculturalismo e educação. *Pátio Revista Pedagógica*, ano 2, n.º 6, ago/out, 1998.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. In. Revista Projeto História. São Paulo, n.º 10, p. 73-90, dez. 1993.

EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FONSECA, Maria Nazareth S. "Visibilidade e ocultação da diferença. Imagens do negro na cultura brasileira". In. Fonseca, Maria Nazareth S. *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte/MG. Ed Autentica, 2000.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília. Editora da UMFG/ Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HOBSBAWN, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

INÁCIO, Paulo César. *Trabalho, Ferrovia e Memória. A experiência de turmeiro(a) no Trabalho Ferroviário*. Uberlândia/MG. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia. 2003.

LOWENTHAL, David. "Como conhecemos o passado". In. Revista Projeto História. n.º 17. São Paulo. EDUC, 1998.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. "Práticas e estilos de pesquisa na

história oral contemporânea”. In. FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

NUNES, Leandro José. *Cidade e imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras-Uberlândia – 1950/1960*. São Paulo. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Júlio César de. *O último trago, a última estrofe. Vivências boêmias em Uberlândia nas décadas de 40, 50 e 60*. São Paulo. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2000.

PORTELLI, Alessandro. PORTELLI, A. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

_____. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*. São Paulo, n. 14, p. 07-24, fev. 1997.

_____. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*. São Paulo, n. 14, p. 25-40, fev. 1997.

_____. História oral como gênero. *Projeto História*. São Paulo, n. 22, p. 09-36, jun. 2001.

RAGO, L. M. Uma experiência de pesquisa histórica: o quebra-quebra de 1959. In: *Cadernos Cedex*, São Paulo, nº. 10. Ed. Cortez 1986.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira. *O romper o silêncio: história e memória na trajetória escolar e profissional dos docentes afrodescendentes nas Universidades Públicas do Estado de São Paulo*. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

RIBEIRO, Renato Janine. *A sociedade contra o social — o alto custo da vida pública no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RONCAYOLO, Marcel. “Cidade”, In: Região. *Enciclopédia Einaudi*, nº. 08, Lisboa. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1986.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TSIGELMAN, Luidmila Dymerskaya & FINBERG, Leonid. Antisemitism of the Ukrainian radical nationalist: ideology and policy, analysis of current trends in anti-Semitism. In: *Acta*, n°. 14, 1999, p. 24. Apud. ZAWADZKI, Paul. O ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia. In: NAXARA, Márcia e BRESCIANI, Stella (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2001.

VASCONCELLOS, Maria Helena Falcão. *Dias de violência – o quebra*. Campinas-SP: Ed. Unicamp. 1990.

